

120. RESSALVAR CONTATOS DE HANSENÍASE REGISTRADOS NOS ANOS DE 2006 A 2010 EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP

Mariana A Menezes¹; Carolina M França¹; Patrícia A Fregonesi¹; Lara R F Seixas¹; Susilene MT Nardi²; Vânia D Paschoal³.

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem da FAMERP; ²Terapeuta Ocupacional, Pesquisadora Científica do Centro de Laboratórios Regionais- Instituto Adolfo Lutz - São José do Rio Preto-SP e do Instituto Lauro de Souza Lima, Bauru, SP; ³Professora Doutora Adjunto de Ensino da FAMERP, Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva e Orientação Profissional

Financiamento: Bolsa de Iniciação Científica - FAMERP

Introdução: A transmissão da hanseníase no meio familiar é preocupante, pelo fato de que um caso de hanseníase na família aumenta em 2,9 vezes o risco dos comunicantes contraírem a doença. Ademais, os profissionais responsáveis pelas unidades de saúde desconhecem a problemática destes pacientes dentro de sua área de abrangência, justificando a ausência de visita domiciliar e aplicação da vacina BCG-ID para os comunicantes. **Objetivo:** Criar banco de dados dos contatos intradomiciliares das pessoas com hanseníase nos anos de 2006 a 2010 e confirmar o número de contatos intradomiciliares, sua situação vacinal e adoecimento por hanseníase. **Metodologia:** Estudo descritivo transversal, realizada no município de São José do Rio Preto, SP, abrangendo o período de 2006 a 2010. Utilizou-se ficha clínica-epidemiológica para coletar informações sóciodemográficas nos prontuários dos pacientes que trataram no período. Após obtenção dos dados foram realizadas ligações telefônicas gravadas, nas quais afirmavam consentir em participar da pesquisa; outros pacientes foram abordados por visitas domiciliares. **Resultados:** No período, 113 pessoas fizeram tratamento da hanseníase e 93 (82,3%) tinham comunicantes. Com a exclusão de 26 pacientes por motivos diversos, totalizou-se 67 pacientes entrevistados sendo que, 19 (28,4%) conheciam a fonte de infecção o caso índice anterior ao seu tratamento, e revelaram que a maioria (14; 20,9%) eram consanguíneos. Um total de 196 comunicantes foi identificado após a entrevista, destes 145 (74%) foram avaliados clinicamente e tomaram ao menos uma dose da vacina BCG-ID; 5 (5,6%) passaram apenas pela avaliação clínica e 40 (20,4%) não foram avaliados e vacinados. A média de comunicantes intradomiciliar foi de 2,9 casos por domicílio. A pesquisa identificou que apenas 144 (73,5%) dos comunicantes estavam registrados no SINAN. Houve adoecimento de 3,5% (n=8) desses comunicantes. **Conclusão:** O nível de vigilância dos contatos é considerado bom (74%) dentro dos parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Saúde. A maioria (88,1%) dos doentes tinha conhecimento da necessidade do controle de comunicantes, mas 26% deles não foram vacinados. A vigilância dos contatos precisa ser intensificada especialmente em relação aos registros oficiais e no intercâmbio dos profissionais das Unidades de Saúde com os serviços de referência para o atendimento dos comunicantes.